

# Arqueologia Medieval



EDIÇÕES AFRONTAMENTO



## S U M Á R I O

3	Apresentação	Comissão Científica do Encontro com a História
5	Homenagem aos mestres – Encontro com a História	Ana Paula Amendoeira
7	A dimensão cívica do historiador (O lugar do medievalista)	Hermenegildo Fernandes
15	À procura do Islão	Claúdio Torres
17	O busto de Júlio César de <i>Pax Iulia</i> . Persursos e debates em torno da fundação de Pax Iulia	Maria Conceição Lopes
25	Paisaje y territorio en la <i>Kūra</i> de <i>Labla</i> (Niebla, Huelva)	Juan Aurelio Pérez Macías
43	A dinastia omíada e a desarticulação da Lusitânia	Fernando Branco Correia
51	O sítio de Torre Velha 3 (Serpa): enterramentos atípicos em silos/fossas. Uma primeira abordagem	Lívia Vaqueira
57	Amarante na Idade Média: povoamento e desenvolvimento económico-social	Daniel José Soares Ribeiro
63	As casas de Mértola: dois mil anos de formas de habitar	Maria de Fátima Palma, Miguel Reimão Costa, Susana Gómez Martínez, Virgílio Lopes, Ana Costa Rosado
77	Los asentamientos agrícolas en al-Andalus y las formas de organizar el territorio	Antonio Malpica Cuello
87	A importância da gestão da água em época romana – o exemplo da Barragem do Álamo em Alcoutim	João Luís Cardoso e Alexandra Gradim
101	Os níveis medievais do sítio de Quinta de Crestelos (Mogadouro): agricultura e paisagem	João Pedro Tereso, Filipe Costa Vaz, Luís Seabra, Susana Cosme e Sérgio Simões Pereira
119	Sistemas de abastecimento de água na Silves Islâmica	Maria José Gonçalves
129	A Basílica Paleocristã e o edifício Palatino de St. <sup>a</sup> Marta das Cortiças (Falperra): as escavações de F. Russell Cortez e de J. J. Rigaud de Sousa	Mário Jorge Barroca, Andreia Arezes e Rui Moreira
149	A cerâmica no Gharb al-Andalus: seguindo os passos de Juan Zozaya	Susana Gómez Martínez
165	Coisas <i>Raras</i> na cerâmica do Gharb Al-Andalus	Maria José Gonçalves, Helena Catarino, Sandra Cavaco, Jaquelina Covaneiro, Isabel Fernandes, Catarina Coelho, Sofia Gomes, Jacinta Bugalhão, Susana Gómez Martínez, Isabel Inácio, Marco Liberato, Constança Santos e Claire Déléry
181	Del Magreb a al-Andalus: los beréberes en la marca superior (siglos VIII-XII)	Bilal Sarr
193	O meu coração abriu-se a todas as formas	Ana Caldas
197	«As manufacturas do Andalus excedem as de qualquer país do mundo» – curtumes, selas, adargas, estéticas em trânsito...	Franklin Pereira
203	Tumbas de santones y oratorios musulmanes de al-Andalus	Juan Zozaya

**Director:** Cláudio Torres • **Coordenadora:** Susana Gómez Martínez • **Conselho Científico:** António Borges Coelho, Cláudio Torres, José Luís de Matos, José Mattoso, Manuel Luís Real, Maria da Conceição Lopes, Santiago Macías, Susana Gómez Martínez e Virgílio Lopes • **Conselho de Redacção:** Cláudio Torres, Lígia Rafael, Maria de Fátima Palma, Miguel Reimão Costa, Susana Gómez Martínez e Virgílio Lopes • **Apoio:** Câmara Municipal de Mértola, Centro de Estudos das Universidades de Coimbra e Porto e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

# MA ARQUEOLOGIA MÉRTOLO SUMÁRIO



**MÉRTOLO**  
CÂMARA MUNICIPAL



**Centro de Estudos  
em Arqueologia  
Artes  
e Ciências do Património**

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

**Capa e Design Gráfico:** Gil Maia

**ISSN:** 0872-2250-14

**N.º de edição:** 1871

**Depósito legal:** 66923/93

**Edição:** Edições Afrontamento, Lda. – Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto – Portugal

**Telefone:** 351 22 5074220 – Fax: 351 22 5074229

**e-mail:** geral@edicoesafrontamento.pt

**Impressão e acabamento:** Rainho & Neves, Lda. – Santa Maria da Feira

**e-mail:** geral@rainhoeneves.pt

**Data da publicação:** Maio de 2018

# A DINASTIA OMÍADA E A DESARTICULAÇÃO DA LUSITÂNIA

FERNANDO BRANCO CORREIA

Falar de Lusitânia e, em simultâneo, de domínio omíada parece ser contraditório e conter em si mesmo, no mínimo, algum anacronismo. A literatura histórica e arqueológica reserva a aplicabilidade do termo *Lusitânia* aos períodos pré-romano, romano e tardo-romano mas, cautelosamente, não o aplica aos séculos de domínio político árabe-islâmico. De facto, a literatura especializada que se debruça sobre os territórios ocidentais ibéricos islamizados tem cada vez mais aplicado a expressão *Ġarb al-Andalus*, expressão que, na verdade, surge em fontes escritas no mundo arabizado, embora não logo em inícios do século VIII. Por outro lado, é cada vez mais comum, se se tiver em contra os estudos sobre *Late Antiquity and Early Islam*<sup>1</sup>, não fazer cortes radicais na análise de determinadas sociedades e estruturas quando certos territórios são conquistados por tropas ao serviço de forças políticas islamizadas.

Se se revisitarem as fontes escritas que disponibilizam uma narrativa sobre os acontecimentos que têm lugar a partir de 711 (ou, para algumas, 710), verificar-se-á que são escassíssimas as que são pouco posteriores a esses acontecimentos. Ou seja, a designação *Ġarb al-Andalus* não é dos primeiros tempos do domínio omíada. Por isso, convém lembrar como esse domínio parece ter-se afirmado no território.

O exército de Ṭāriq, o primeiro a entrar e avançar por solo peninsular (711), maioritariamente constituído por tropas berberes e por membros do partido vitiziano, dirige-se a Écija, Córdoba e, depois, para Toledo, a capital goda; a tomada extremamente fácil de Toledo nunca é abertamente explicada por ambas as partes e é possível imaginar as razões dessa dificuldade. Importante é lembrar que as principais fontes escritas identificam Mūsà ibn Nuṣayr – governador de Qayrawan em nome dos omíadas de Damasco – como o protagonista da submissão de *Emerita*, da capital da

Lusitânia, em 712; depois de assegurar o controle sobre essa cidade – o que não foi fácil, mas não implicou a destruição da cidade – avançou ao encontro das tropas de Ṭāriq. Ou seja, a conquista da Lusitânia começou por ser o controle sobre a sua capital, a obtenção da sua submissão, com um reconhecimento implícito da importância da cidade de Mérida sobre os territórios dela dependentes.

Com a saída de Ṭāriq e de Mūsà do território peninsular, será o filho deste último – ‘Abd al-‘Aziz ibn Mūsà – que assume o poder no que as fontes orientais designarão como *al-Andalus*, assumindo-o de forma conciliadora, entre 714 e 716. É desta fase que datam alguns pactos com regiões sobre as quais não se tinha feito sentir de forma efectiva a acção dos exércitos de Ṭāriq e de Mūsà, regiões mais próximas do Mediterrâneo e do Atlântico, quer dizer, não centrais nas entradas dos dois exércitos iniciais; é bem conhecido o texto do pacto de Tudmir<sup>2</sup> – região onde surgirá Múrcia – mas sabe-se que houve também pactos na zona ocidental, embora deles